

## Apontamentos sobre narrativas nos Museus Afro-Brasileiros

## Notes on narratives in Afro-Brazilian Museums

Deborah Silva Santos<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v11i22.44697

94

MUSEOLOGIA &amp; INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 11, n.º 22, Jul./Dez. 2022

**Resumo**

Este artigo apresenta um levantamento dos museus afro-brasileiros no cenário museológico brasileiro contemporâneo e busca a partir das informações contidas no Guia Brasileiro de Museus (2011) e no Cadastro Nacional de Museus (2016) do Instituto Brasileiro de Museus, identificar as suas similitudes e diferenças quanto a narrativas históricas e vertentes museológicas. E, por fim refletir sobre o papel que assumem enquanto ferramentas de preservação e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, de enfrentamento ao racismo e de promoção da igualdade racial.

**Palavras-chave**

Museus afro-brasileiros; população negra; representação; museologia; relações raciais.

**Abstract**

This article presents a survey of the Afro-Brazilian museums in the contemporary Brazilian museums in the contemporary Brazilian museological scenario and seeks, based on the information from the Brazilian Museum Guide (2011) and the National Museum Register of Museums (2016) of the Brazilian Institute of Museums, to identify their similarities and differences regarding historical narratives and museological aspects. And, finally, reflect on the role they as tools to against racism and promotion racial equality.

**Keywords**

Afro-Brazilian museums; black population; representation; museology; racial relations.

**Apresentação**

O Brasil, segundo o Guia de Museus Brasileiros<sup>2</sup> de 2011, possui mais de 3.000 instituições museais, das mais variadas tipologias, vertentes museológicas e tutelas, sendo a grande maioria pertencente à administração pública no âmbito federal, estadual, distrital e municipal (BRASIL, 2011). Neste universo, cinquenta e um museus foram identificados como museus do negro, ou melhor, especializados na preservação das culturas negras.

Este levantamento teve como base o Guia Brasileiro de Museus (2011) e o Cadastro Nacional de Museus<sup>3</sup> (2016), ambos de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). O ponto inicial foi a nomenclatura definida a partir de nove critérios: (i) apresentar a palavra negro, afro-brasileiro e/ou nome africano; (ii) ter nome de lutas de resistências e revoltas de pessoas afro-brasileiras e/ou africanas; (iii) apresentar datas simbólicas da história dos afro-brasileiros; (iv) referenciar o trabalho escravizado; (v) referenciar práticas religiosas de matrizes africanas, ou santos (as) católicos (as) reconhecidos (as) pelos afro-brasileiros; (vi) ter nomes de personagens negros (artistas, esportistas, políticos, ativistas, re-

1 Doutora em Museologia (ULHT/Lisboa), Mestre em História Social (PUC/SP), Bacharel e Licenciada em História (PUC/SP) e Especialista em Museologia Avançada (FESP/SP). É Professora Adjunta do Curso de Museologia (FCI/UnB) e Secretária de Direitos Humanos (GRE/UnB). e-mail: deborahsantos@unb.br

2 Publicado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

3 Disponibilizado pelo Ibram no Museusbr – site: <http://museus.cultura.gov.br>

ligiosos entre outros); (vii) referenciar moradias de afro-brasileiros, no período escravocrata ou pós, localizados nas zonas rurais e/ou urbanas; (viii) referenciar a musicalidade, festas, saberes e fazeres que remetem a tradições afro-brasileiras; (ix) nome de países e/ou cidades do continente africano.

Exclui-se da identificação como afro-brasileiros os museus que apresentam na nomenclatura os termos “cultura popular”, “arte popular”, “folclore”, “folclórico”, “homem”, “região” e manifestações culturais como “carnaval”, “maracatu”, “congada”, por conta de suas definições étnico-raciais serem complexas e incluir uma diversidade cultural que as informações constantes no Guia e no Cadastro de Museus não permitem defini-las sem ambiguidade, questão que poderá ser sanada com visita *in loco* às instituições e que fica como sugestão para outro artigo.

Assim, na Tabela I, apresento a relação das cinquenta e uma instituições afro-brasileiras:

Tabela I – Museus Afro-Brasileiros

Instituição Afro-brasileira	Localidade	Unidade da Federação
1. Parque Memorial Quilombo dos Palmares	União dos Palmares	AL
2. Museu Afro Cultural Oyá Ní	Alagoinhas	BA
3. Museu Último Quilombo	Boa Vista do Tupim	BA
4. Museu Afro Omon Ajagunan	Lauro de Freitas	BA
5. Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão	Lauro de Freitas	BA
6. Museu Ilê Axé Opo Afonjá	Salvador	BA
7. Memorial Lajoumim - Terreiro Pilão de Prata	Salvador	BA
8. Memorial Mãe Menininha do Gantois	Salvador	BA
9. Museu Nacional da Cultura Afro-brasileira	Salvador	BA
10. Casa de Cultura do Benin	Salvador	BA
11. Museu Afro - Brasileiro	Salvador	BA
12. Casa da Angola	Salvador	BA
13. Memorial Kisimbê - Águas do Saber	Salvador	BA
14. Memorial das Baianas de Acarajé	Salvador	BA
15. Casa do Samba – Centro de Referência do Samba de Roda do Recôncavo da Bahia	Santo Amaro	BA
16. Memorial da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte	Cachoeira	BA
17. Memorial Unzo Tombenci Neto	Ilhéus	BA
18. Museu Senzala Negro Liberto	Redenção	CE
19. Museu Memorial da Liberdade	Redenção	CE
20. Museu Afro-Brasileiro de Sergipe	Laranjeiras	SE
21. Memorial Jackson do Pandeiro	Alagoa Grande	PB
22. Museu da Abolição	Recife	PE
23. Museu do Gonzagão	Exu	PE
24. Memorial Luiz Gonzaga	Recife	PE
25. Museu de Artes Afro-Brasil Rolando Toro	Recife	PE
26. Museu Escravo Jacó	Luís Gomes	RN
27. Cafuá das Mercês (Museu do Negro)	São Luís	MA
28. Memorial da Balaçada	Caxias	MA
29. Centro de Referência da Cultura Negra	Araxá	MG
30. Museu do Escravo	Belo Vale	MG
31. Museus dos Quilombos e Favelas Urbanos	Belo Horizonte	MG
32. Museu Capixaba do Negro	Vitória	ES
33. Memorial Afro-Valenciano Padre João José da Rocha	Valença	RJ
34. Museu do Negro	Rio de Janeiro	RJ

35. Museu Ode Gbomi	Nova Iguaçu	RJ
36. Museu de Favela	Rio de Janeiro	RJ
37. Museu da Maré	Rio de Janeiro	RJ
38. Museu do Escravo	Barra do Pirai	RJ
39. Centro Cultural Cartola	Rio de Janeiro	RJ
40. Òsun Ìya Oke Ilê Afro-Brasileiro Ode Lorecy	Embú	SP
41. Museu Afro Brasil	São Paulo	SP
42. Museu dos Escravos	São Vicente	SP
43. Museu da Cultura Africana e Negritude Brasileira	Amparo	SP
44. Museu do Negro de Campinas	Campinas	SP
45. Instituto Cultural Babá Toloji	Campinas	SP
46. Museu Treze de Maio - Museu Afro-Brasileiro	Porto Alegre	RS
47. Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira	UFBA	BA
48. Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira	UFMA	MA
49. Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira	UFMT	MT
50. Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira	UERJ	RJ
51. Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira	UFPE	PE

Fonte: Guia dos Museus/Ibram/MinC/2011; Cadastro Nacional de Museus – CNM/Ibram/2016.

Essa relação revela uma diversidade de nomenclaturas que suscitam suas criações como chama a atenção Silva:

Não é possível afirmar que todas estas experiências decorram, em certa medida, das lutas sociais, até porque é preciso considerar que algumas dessas instituições não nasceram necessariamente das reivindicações do movimento negro, mas foram geradas a partir do entendimento das elites nacionais acerca do legado afro-brasileiro. Portanto, vale ponderar sobre tal matéria no sentido de compreender o que há de avanço e o que há de retrocesso nesta seara. Mesmo que devam refutar qualquer viés essencialista, é mister lembrar que, desconsiderar as diferenças possíveis entre as identidades criadas *para* negros e àquelas construídas *por* negros, significa não compreender os modos diferenciados de representação, é perder o foco em relação aos aspectos fundamentais na construção do olhar sobre a alteridade. (SILVA, 2013: 86-87) (Grifo do autor)

O autor, ao falar dos museus afro-brasileiros, refere-se a diferentes curadorias ou tutelas que determinam opções historiográficas sob o legado da população de origem africana e questiona a responsabilidade das construções dessas experiências, que divide entre os que foram elaborados “para” os negros e os construídos “por” negros e negras.

Neste mesmo sentido, Bittencourt Junior descreve que,

Atualmente, temos o advento de uma variedade de museus com diversos objetivos, tratando das questões históricas e socioculturais negras; comunitários, esportivos, sobre o universo do trabalho, sobre artes, contudo, precisamos ainda refletir, de modo profundo, acerca das formas de tratamento técnicos e das representações sociais em torno da cultura negra, em museus e exposições, sobretudo aqueles históricos estatais (estaduais ou municipais), cujas análises devam ser conduzidas sobre como determinadas categorias e ideias contribuíram, ao longo do tempo, para processos de preservação, exclusão, ou maquiagem de dimensões culturais indesejáveis às elites da sociedade brasileiras – as referências culturais e/ou indicadores de processos culturais de matriz africana. (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013: 14)

Assim, Bittencourt Júnior (2013), ao chamar a atenção para a quantidade e diversidade de museus afro-brasileiros, reitera a necessidade de reflexão sobre os seus processos museológicos, suas tutelas e necessidade de identificar as similitudes e diferenças que permitam o entendimento das instituições como (i) preservacionistas das culturas de origem africana; (ii) excludentes e mantenedoras do pensamento das elites nacionais acerca das relações raciais brasileiras; (iii) disfarce - museus elaborados “para” os negros pela elite nacional.

O presente artigo tem como objetivo mapear os museus afro-brasileiros e refletir sobre suas diversidades de objetivos, tutelas, vertentes museológicas, opções historiográficas e refletir sua função social enquanto gênero museológico rizomático<sup>4</sup> e ferramenta pedagógica, política e poética de enfrentamento ao racismo e de promoção da igualdade racial.

### Origem dos museus afro-brasileiros

A constituição dos museus brasileiros nas lógicas da modernidade/colonialidade, os fez cópias das instituições europeias caracterizadas por invisibilizar a memória e negar a história da parcela não branca da população, enquanto construtores e produtores de conhecimento no país. No entanto, vale ressaltar que a grande maioria dos museus brasileiros possuem uma série de objetos, do suplicio dos escravizados, de religiões de matrizes africana, de festas, saberes e fazeres da população negra e indígena. Assim, tornou-se impossível negar a presença negra e indígena nos museus e as influências na cultura brasileira, mesmo que, simbolicamente, se declare o aniquilamento da população indígena e o congelamento da população negra na escravização tendo como testemunhos os instrumentos de castigos como as gargalheiras, correntes, chibatadas, libambos, viramundo (MATTOS, 2013).

Bittencourt Junior (2003) ao retratar a representação negra nos museus reforça a sua invisibilidade:

As culturas negras (afro-brasileiras) tanto quanto as suas principais lideranças políticas, suas personalidades socioculturais, suas personagens históricas, seus militantes, suas eminentes figuras ancestrais vinculadas ao universo social e simbólico de matriz africana, seja na ordem cotidiana ou no campo do sagrado: seus respectivos signos e símbolos estão ausentes na sociedade de consumo e na indústria cultural (jornais, televisão e publicidade) da mesma forma na produção cinematográfica e audiovisual variada; na produção editorial e nos livros didático-pedagógicos, enfim, são recorrentemente pouco melhorado, e termos coetâneos, sistematicamente, explícita ou ironicamente **invisibilizados. São radicalmente suprimidos ou simbolicamente marginalizados na produção do conhecimento, preservação da memória e difusão cultural, como sempre ocorreu em muitos museus tradicionais.** (BITTENCOURT JÚNIOR, 2003:13) (Grifo da autora)

O autor afirma que existe uma disputa pela memória nos museus brasileiros, e que a população negra tem o seu registro congelado na escravização e, na invisibilidade enquanto cidadão, pois a história preservada neste espaço é dos detentores do poder, a elite política e econômica do país. E contribui para isso, a instituição da neutralidade do patrimônio para a construção de uma identidade

4 Uma opção epistemológica da museologia ancorada na ramificação horizontal, sem centro e sem hierarquia, mas que une a multiplicidade de processos. No caso dos museus afro-brasileiros que se constituem em são ramificações de uma raiz (preservação da cultura afro-brasileira), mas que se caracterizam pela diversidade de experimentações museológicas. (DELEUZE & GUATTARI, 2011)

nacional e de uma história sem tensões e conflitos centrada na elite masculina e branca e no silenciamento dos “outros”, historicamente discriminados, as mulheres, as pessoas negras e os povos indígenas (CARNEIRO, 2003; KILOMBA, 2019; CARDOSO, 2012).

Assim, a escrita da história brasileira silenciou nos museus e em outras áreas da cultura as lutas das coletividades afro-brasileiras - suas irmandades, terreiros, a medicina caseira, a gastronomia, os jornais negros, os clubes, as festas, os saberes e as reelaborações criativas de referências culturais, as territorialidades, os quilombos, as favelas, a produção de conhecimento e as experiências negras na readaptação ao novo mundo. Invisibilizou a luta individual e coletiva contra o racismo e a discriminação e o ingresso no trabalho livre e remunerado. Questões registradas nos jornais da “Imprensa Negra”<sup>5</sup> e nas várias organizações sociais, como a Frente Negra Brasileira que na década de 1930 se articulou demonstrando as forças de “um movimento de massa que agregou um número surpreendente de pessoas negras ávidas por cidadania plena em todo o território nacional” (SILVA, 2014).

O primeiro museu afro-brasileiro, “Museu dos Escravos”<sup>6</sup> (Museu da Abolição e Museu do Negro), foi fundado no ano de 1938 pela Trissecular Imperial Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos<sup>7</sup> e instalado na Igreja de mesmo nome no centro da cidade do Rio de Janeiro. Sua concepção seguia os moldes dos museus históricos brasileiros, em voga no período, que buscavam enaltecer os grandes fatos e vultos da nação e a ideologia da democracia racial. Assim, a instituição buscou homenagear a figura dos escravos e da Princesa Isabel, como a “Redentora” responsável pelo fim da escravidão. O acervo acumulado nas dependências da Irmandade, por mais de três séculos, resultado da ajuda dada à população escravizada com fugas, alforrias, assistência médico-hospitalar, sepultamentos e sua participação na campanha abolicionista, fato que após a abolição, impulsionou a ideia de sua preservação com a criação de um museu. (PAIVA, 2003).

Andréia Paiva (2009) ao tratar das mudanças de nomenclatura do Museu do Negro conecta a “problemática da memória” à “importância das coleções, dos objetos e das práticas de devoção de seus “visitantes” pois por conta do incêndio, as ressignificações concretizadas pelo processo de construção de novas narrativas, podem tanto ter origem em um “passado” quanto em um “presente” (PAIVA, 2009; SANTOS, 2002; GONÇALVES, 1996, 2007; ABREU, 1996).

Neste período, o Brasil registra as primeiras transformações no pensamento racial, que distanciando-se das concepções evolucionistas do racismo científico europeu, passou a explicar as diferenças raciais pelo conceito biológico e, se aproximava das definições da antropologia cultural, que via o indivíduo negro, não como uma figura patologicamente desumanizada, mas, como um ele-

5 A Imprensa Negra foi mais uma das formas de organização da população negra escravizada e livre a partir da 2ª metade do século XIX. Formada por indivíduos e grupos de negros e negras letrados que utilizaram a imprensa como ferramenta na exposição de suas ideias sobre os rumos do país. Mais informações, vide: PINTO, 2010.

6 Segundo Paiva (2003), existe uma dúvida historiográfica sobre o primeiro nome do museu, pois há registros nos periódicos da época como “Museu dos Escravos” e/ou “Museu da Abolição”. A documentação que poderia certificar o nome correto foi perdida no incêndio de 1967. E a partir de 1969, na sua reabertura ele passa a denominar-se “Museu do Negro”.

7 As irmandades eram instituições em torno das quais os negros se agregaram de forma mais ou menos autônoma, durante a escravização. Elas funcionavam como sociedades de ajuda mútua. Seus associados contribuíam e recebiam em troca assistência quando doentes, quando presos, quando famintos ou em suas fugas e mortes, na elaboração de funerais.

mento contribuinte da construção cultural e social do país. O racismo científico europeu foi substituído, em terras brasileiras, pela ideologia do branqueamento e criou-se o mito da democracia racial, da existência de relações raciais harmônicas, por conta da miscigenação racial, da população e a ausência de conflitos beligerantes entre senhores e escravizados, ou brancos e negros. O resultado foi a eliminação das identidades étnico-raciais e culturais sob o manto do surgimento de uma brasilidade, um amálgama de raças e etnias formando o país multicultural (FREIRE, 1980). Como reforça Santos:

No Brasil, a defesa de que a nação se constituiu por meio da democracia racial, apagou diferenças étnicas e culturais importantes. Não só os brasileiros aceitaram um discurso que eliminava identidades anteriores, como muito pouco esforço se fez para modificar este discurso. (SANTOS, 2004:324)

A década de 1950 registra a criação do Museu de Arte Negra (MAN) e o Museu da Abolição. O MAN criado pelo Teatro Experimental do Negro (TEN)<sup>8</sup>, uma organização negra “cujos integrantes decidiram assumir um engajamento artístico, em defesa do legado, da memória e do reconhecimento da participação da diáspora negra na construção da cultura brasileira”. (SILVA, 2013:91)

A ideia de se criar o Museu de Arte Negra emerge da fértil e polêmica discussão sobre a “Estética da Negritude” no 1º Congresso do Negro Brasileiro, realizado pelo TEN em 1950. O Teatro Experimental do Negro passa a colecionar obras de arte e incentivar artistas afrodescendentes a desenvolver seu talento e expor os seus trabalhos. Propicia e engaja-se num rico diálogo com críticos e criadores das artes visuais da época. Em 1955, realiza o Concurso de Artes Plásticas sobre o tema do Cristo Negro. O acervo acumulado ao longo de 18 anos é apresentado ao público uma única vez em 1968, em exposição realizada no Museu da Imagem e Som na Praça XV. Apesar dos esforços de sua direção, o Museu de Arte Negra nunca conseguiu uma sede própria, ficando as peças sob a guarda pessoal do seu fundador; Abdias Nascimento. (IPEAFRO, 2017)<sup>9</sup>

O MAN foi um projeto criado pelo militante negro e ex-senador da República Abdias do Nascimento com o objetivo de “desenvolver o conhecimento e a discussão da origem da arte moderna no encontro entre a arte africana e a vanguarda da arte ocidental a partir do século XIX” (Nascimento, 2002: 13). Filiado ao movimento da Negritude (em 1968) e com uma visão da realidade brasileira a qual buscava introduzir o negro, a partir do museu buscava denunciar o racismo com que as produções de arte negra eram tratadas no Brasil como também a exclusão dos artistas negros. Abdias Nascimento exprime o seu descontentamento:

A comunidade negra no Brasil, assim como tem produzido tantos criadores, precisa contar também com seus próprios analistas e teóricos para elaborar o juízo crítico do acervo que os africanos nos deixaram. A mim coube esta modesta incumbência de registrar alguns nomes e transmiti-los aos meus irmãos negros não familiarizados com a história das artes plásticas no Brasil, a fim de que esta

8 O **Teatro Experimental do Negro** (TEN) surgiu em 1944 no Rio de Janeiro, idealizado por Abdias Nascimento (1914-2011) e sua proposta era de valorização social do negro e da cultura afro-brasileira por meio da educação e arte, bem como com a ambição de delinear um novo estilo dramaturgico, com uma estética própria. A atuação do incluíam a melhoria real da qualidade de vida da população afrodescendente, o que não podia prescindir do engajamento político de artistas, autores, diretores e demais formadores de opinião.

9 Ver: [www.ipeafro.org.br](http://www.ipeafro.org.br) Acesso em 10 de maio de 2017.



parte da criatividade afro-brasileira não permaneça ausente da memória de nossa comunidade. Os sucessos da pintura e da escultura obtidos por artistas de origem africana não devem permanecer como um assunto esotérico, só conhecido dos especialistas de arte, em geral estudiosos brancos. (NASCIMENTO, 2002: 14)

O autor, criticava essas questões, primeiro por conta da recente abertura dos Museus de Arte Moderna de São Paulo (1947) e do Rio de Janeiro (1948), com o apoio do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque - MoMA e que excluiu os artistas negros brasileiros. E, segundo devido a uma pesquisa, feita no início dos anos 1950 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), sobre as relações raciais no Brasil, que buscava referendar o país como uma democracia racial e, a possível aplicação deste exemplo em outros países do mundo originários da colonização e com conflitos raciais.

O MAN nunca se efetivou como um museu físico, sempre foi um projeto e, por esta razão não consta no Guia e nem no Cadastro do Ibram, mas não se pode deixar de registrar o seu pioneirismo como uma experimentação social de Museologia. Atualmente, como um museu virtual está abrigado no sítio eletrônico do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiro (IPEAFRO<sup>10</sup>) e, desde o final do ano de 2021 ele está fisicamente sediado, expondo suas obras, no Instituto Inhotim, na cidade de Brumadinho/MG.

### **Museus Afro-Brasileiros: opções historiográficas e museológicas**

No ano de 1957, o governo brasileiro criou o primeiro museu afro de tutela federal, o Museu da Abolição em homenagem aos abolicionistas pernambucanos, João Alfredo e Joaquim Nabuco. Criado pela Lei Federal 3.357/57, sua efetiva inauguração ocorreu trinta anos depois, em 13 de maio de 1983, no Sobrado Grande da Madalena, antiga sede de um engenho de cana-de-açúcar em Recife, com a exposição “O Processo Abolicionista através dos textos oficiais” que utilizou o acervo de outras instituições culturais, cedido por empréstimo.

O Museu da Abolição registra em sua história, fechamentos e reaberturas<sup>11</sup> por questões financeiras e administrativas, que refletem sua criação por lei, nos anos cinquenta, sem acervo e sede e, a inauguração quase trinta anos depois, quando o país registrava alteração nos paradigmas historiográficos, museológicos e nas relações étnico-raciais brasileiras. Ou seja, a concepção histórica, voltada para a preservação dos grandes feitos e vultos da história nacional é substituída por outros paradigmas construídos pelo reconhecimento de novas fontes, abordagens e personagens que apresentam narrativas com tensões e conflitos e redefinem o papel da população negra na história do Brasil, redefinindo o papel do negro na história do Brasil.

Na Museologia, as transformações são centrais, alterando os parâmetros teóricos e metodológicos, redefinindo o museu de local de observação e contemplação de objetos para transfigurar em um Fórum “num centro de expressão da dinâmica social dos grupos que trabalhavam a partir da memória e das referências do passado para construção da identidade” (PRIMO, 2014:6). Um Museu Fórum de ideias e debates em torno de temas relevantes e fundamentais para a sociedade.

<sup>10</sup> <http://ipeafro.org.br/site>

<sup>11</sup> <https://museudaabolicao.museus.gov.br/museu-da-abolicao/historico/primeira-reabertura/>

O Museu da Abolição reabre pela última vez no ano de 2005, com a proposta de estabelecer canais de participação efetiva da sociedade na sua gestão.<sup>12</sup> A instituição se transforma em um espaço de reflexão sobre o processo da abolição, a partir da perspectiva do movimento negro, suas lutas, resistências e direito à memória.

A década de 1960 não registra a criação desse tipo de museus, por conta da implantação da ditadura militar, iniciada em 1964 e que, para além de restringir as liberdades políticas e sociais, negou a existência do racismo e do preconceito racial no Brasil, instaurou ações repressivas e opressivas contra os movimentos sociais e reafirmou a ideologia da democracia racial do país, impedindo a identificação das identidades raciais.

Nos anos de 1970 os ventos da democratização do país trazem a rearticulação das lutas e dos movimentos sociais e a criação dos museus: (i) Cafuá das Mercês na cidade de São Luís/MA instalado em um antigo depósito de escravizados e apresenta como acervo: os objetos de suplício da escravização, de religiões de matrizes africanas, indumentária instrumentos musicais, estatuetas, cabaças, cachimbos e panelhas do Tambor de Minas e Crioula; (ii) Museu Afro Cultural Oyá Ní na cidade de Alagoinhas/BA, que foi criado pela Associação Beneficente de mesmo nome e ainda é um projeto que visa montar um museu sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira no local onde existem as ruínas de uma igreja católica que nunca chegou a ser finalizada. Um museu sobre a história e cultura africana e afro-brasileira como objetos (iii) Museu Afro-Brasileiro da cidade de Laranjeiras/SE localizado em um edifício do século XIX e com um acervo formado por objetos dos suplícios dos escravizados, indumentárias e peças de religiões de matrizes africanas, móveis e objetos do período escravocrata e (iv) Museu do Escravo da cidade de Belo Vale/MG, localizado em uma réplica de uma casa-grande com a senzala. Traz a representação de um pelourinho e seu acervo tem instrumentos de suplício, instrumentos de trabalho e móveis e objetos do período da escravidão.

No ano de 1982 registra-se a criação do Museu Ilê Axé Opo Afonjá, com o nome de Museu Ilê Ohun Lailai (que significava Casa das Coisas Antigas na língua Yoruba), com o objetivo de preservar a história do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá<sup>13</sup> e de suas sacerdotisas. Neste mesmo ano, cria-se o Museu Afro-Brasileiro na Universidade Federal da Bahia (MAFRO/UFBA), o primeiro museu universitário afro-brasileiro e que atualmente apresenta como objetivo:

tratar exclusivamente das culturas africanas e sua presença na formação da cultura brasileira, o museu apresenta conteúdos que facilitam a compreensão dos aspectos históricos, artísticos e etnográficos que identificam as sociedades africanas e permitem uma reflexão sobre a importância dessa matriz para o desenvolvimento da sociedade brasileira.<sup>14</sup> (MAFRO,2018)

A instituição passou por várias transformações durante esses anos de existência, gerando uma produção acadêmica sistemática sobre seu acervo e nos últimos anos tem se relacionado de forma efetiva com a comunidade negra, colaborando com suas lutas, introduzindo debates como o genocídio da comunidade, sobre a afro-religiosidade baiana. Vale ressaltar que o museu funciona

12 <http://museudaabolicao.museus.gov.br/museu-da-abolicao/historico/primeira-reabertura/> Recuperado em 11 de março de 2018.

13 Criado em 1910 (SANTOS,1988)

14 <https://cartadeservicos.ufba.br/museu-afro-brasileiro-mafro>



no prédio da Faculdade de Medicina da Bahia, local onde foram investigadas e divulgadas várias das teorias evolucionistas do século XIX.

Nos anos de 1980, as reivindicações dos movimentos negros e sociais reverberaram nos órgãos federais e no âmbito da cultura, temos no ano de 1984 o tombamento do Terreiro da Casa Branca - Casa Branca do Engenho Velho da Sociedade São Jorge do Engenho Velho ou Ilê Axé Iyá Nassô Oki pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que significou o reconhecimento das religiões de matriz africana como patrimônio cultural brasileiro.

A aprovação de uma nova Constituição Federal brasileira, no ano de 1988, marco da democratização do país e da inclusão de direitos civis e sociais que reconhece os diferentes grupos sociais como sujeitos com direito à memória, amplia a noção de patrimônio, ressignifica a noção de cultura, reconhece o direito à terra das comunidades quilombolas e tradicionais e as religiões de matriz africana, bem como a diversidade cultural e a formação multirracial da sociedade. Questões que impactam diretamente a representação das culturas negras no cenário nacional. Naquele ano, o governo federal criou a Fundação Cultural Palmares no âmbito do Ministério da Cultura com a finalidade de promover e preservar a cultura afro-brasileira, bem como criou o Parque Memorial do Quilombo dos Palmares na Serra Barriga que também é tombado pelo Iphan.

A última década do século XX registra a criação de nove museus afro-brasileiros, vide tabela 2.

Tabela 2 – Museus Afro-Brasileiros – Década de 1990

Instituição	Localidade/Unidade da Federação	Ano
1. Museu do Gonzagão	Exu/PE	1990
2. Museu Último Quilombo	Boa Vista do Tupim/BA	1992
3. Memorial Mãe Menininha do Gantois	Salvador/BA	1992
4. Museu Capixaba do Negro – MUCANE	Vitória/ES	1993
5. Memorial Lajoumim - Terreiro Pilão de Prata	Salvador/BA	1994
6. Memorial da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte	Cachoeira/BA	1995
7. Museu do Escravo	Barra do Piraí/RJ	1997
8. Instituto Cultural Babá Toloji	Campinas/SP	1999
9. Centro Cultural Casa da Angola	Salvador/BA	1999

Fonte: Santos, 2018.

Quatro museus religiosos, um da fé cristã da igreja católica, o Memorial da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, criado pela Irmandade de mesmo nome, e que conta a história da instituição. E três são das religiões de matrizes africana e contam a história de seus Terreiros. O Centro Cultural Casa de Angola é de responsabilidade da Embaixada da Angola e busca apresentar arte e cultura do país africano e fortalecer as relações bilaterais entre os dois países. O Museu Gonzagão homenageia e preserva a história do cantor negro nordestino. O Museu Capixaba do Negro, municipalizado no ano de 2008, que foi durante quase 20 anos um museu comunitário gerido pelo movimento negro capixaba (SANTOS, 2021).

Quanto ao Museu Último Quilombo apesar do nome ele não é um museu afro-brasileiro. Não há menção porque ele recebeu este nome, mas ele preserva materiais cirúrgicos de um cirurgião da cidade de Boa Vista do Tupim. E, por fim o Museu do Escravo da cidade de Barra do Piraí. Instalado na sede de

uma fazenda cafeeira de dois andares: no andar de cima está a casa do senhor de engenho e família e, embaixo a senzala, onde está localizado o acervo, formado por objetos do suplício de escravizados, materiais de trabalho e um pelourinho. O museu é um hotel fazenda que oferece a visita ao museu, guiada pelos donos, um casal de brancos, trajados com roupas de época, como barão e baronesa e a funcionária, uma mulher negra vestida de escravizada. Para a visita, se oferece aos hóspedes a oportunidade de vestir-se com roupas da época e passar um dia como um “senhorzinho” ou “sinhazinha” e, pergunto quem quiser como escravizado/a ?

Há anos, as entidades do movimento social negro do Rio de Janeiro e de São Paulo denunciam essa atividade aos poderes públicos. O Ministério Público foi acionado, mas por ser uma propriedade particular e os proprietários declararem que a atividade é uma brincadeira ou uma festa à fantasia, consideram não haver materialidade para a criminalização.

O século XXI registra a criação do maior número de museus afro-brasileiros, dobrando o número de instituições em relação ao século anterior. Totalizam até o ano de 2016 trinta museus (Ibram, 2016), conforme a Tabela 3.

Tabela 3 - Museus Afro-Brasileiros – Década 2000 a 2010

Instituição	Localidade/Unidade da Federação	Ano
1. Centro Cultural Cartola	Rio de Janeiro/RJ	2001
2. Museu do Negro de Campinas	Campinas/SP	2002
3. Museu Treze de Maio - Museu Afro-Brasileiro	Santa Maria/RS	2003
4. Museu Senzala Negro Liberto	Redenção/CE	2003
5. Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão	Lauro de Freitas/BA	2004
6. Museu Nacional da Cultura Afro-brasileira	Salvador/BA	2004
7. Memorial da Balaiada	Caxias/MA	2004
8. Centro de Referência da Cultura Negra	Araxá/MG	2004
9. Museu da Cultura Africana e Negritude Brasileira	Amparo/SP	2004
10. Museu Afro Brasil	São Paulo/SP	2004
11. Òsun Ìya Oke Ilê Afro-Brasileiro Ode Lorecy	Embu/SP	2004
12. Museu Afro Omon Ajagunan	Lauro de Freitas/BA	2005
13. Memorial Unzo Tombenci Neto	Ilhéus/BA	2005
14. Museu Escravo Jacó	Natal/RN	2006
15. Museu da Maré	Rio de Janeiro/RJ	2006
16. Instituto de Pesquisas Afro Cultural Odé Gbomi	Nova Iguaçu/RJ	2008
17. Memorial Jackson do Pandeiro	Alagoa Grande/PB	2008
18. Memorial Luiz Gonzaga	Recife/PE	2008
19. Museu de Favela	Rio de Janeiro/RJ	2008
20. Memorial das Baianas de Acarajé	Salvador/BA	2009
21. Casa do Samba de Dona Dalva	Cachoeira/BA	2009
22. Museu Digital da Memória Africana e Afro- Brasileira	Salvador/BA	2009
23. Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira	São Luís/MA	2009
24. Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira	Rio de Janeiro/RJ	2010
25. Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira	Cuiabá/MT	2010
26. Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira	Recife/PE	2010
27. Museu de Arte Afro-Brasil Rolando Toro	Recife/PE	2011
28. Memorial Kisimbê - Águas do Saber	Salvador/BA	2011
29. Museus dos Quilombos e Favelas Urbanos	Belo Horizonte/MG	2011
30. Casa da Cultura Afro-Brasileira - Memorial aos Escravizados	Santos/SP	2015

Fonte: Santos, 2018.

Esse grande quantitativo de instituições criadas no período pode ser explicado pelo incentivo à área dado pelo governo brasileiro a partir de 2003. Foram políticas públicas de ações afirmativas com o recorte étnico-racial que buscaram o enfrentamento às desigualdades raciais e a valorização da história e cultura afro-brasileira. Assim, criação de organismos e a destinação de recursos, bem como a aprovação de legislações como a Lei 10.639/03 (Lei 11.945/08) que modificou a Lei das Diretrizes e Bases da Educação e tornou obrigatório no ensino básico brasileiro a história e cultura africana, afro-brasileira e indígena.

No âmbito do Ministério da Cultura, os programas e as normativas criadas para o campo dos museus e da Museologia como a Política Nacional de Museus (PNM), o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, o Estatuto de Museus, a Política Nacional de Educação Museal e a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) favoreceram um repensar sobre o contexto museológico de um modo geral e incentivaram o surgimento de novas experimentações ancoradas em temáticas contemporâneas.

Para fechar a conta, dois museus estão registrados sem data de criação: refiro-me à Casa de Cultura do Benin de Salvador/BA e o Memorial Afro-Valenciano Padre João José da Rocha de Valença/RJ.

Na análise dos museus verifica-se a concentração dessas instituições na região Nordeste do país apresentando trinta instituições, depois o Sudeste com dezenove, as regiões Sul e Centro-Oeste cada uma com um e, a região Norte não contabiliza nenhum. Diferente do que se apresenta no cenário nacional museológico, com a grande maioria das instituições tuteladas pela administração pública, os museus afro-brasileiros estão na maioria mantidos por organizações e entidades privadas, no total de vinte e nove contra vinte e duas instituições públicas.

Na administração pública, sete estão na esfera federal, conforme demonstra a tabela 4, sendo que cinco deles são museus pertencentes a universidades federais.

Tabela 4 – Museus Afro-Brasileiros - Públicos Federais

Instituição	Vínculo
1. Museu da Abolição	Ibram/MTur
2. Parque Memorial Quilombo dos Palmares	Fundação Cultural Palmares
3. Museu Afro-Brasileiro	MEC/Ufba
4. Museu Digital da Memória Africana e Afro-brasileira	MEC/Ufba
5. Museu Digital da Memória Africana e Afro-brasileira	MEC/Ufma
6. Museu Digital da Memória Africana e Afro-brasileira	MEC/UFPE
7. Museu Digital da Memória Africana e Afro-brasileira	MEC/UFMT

Fonte: Santos, 2018.

O que confirma a constatação de Bittencourt Junior de que,

Há um completo descaso e desinteresse em relação ao negro, permanecendo sua história e cultura completamente negligenciada ou sinalizada como ausências, ou, talvez, seus símbolos e signos sejam referidos de forma estereotipada e folclorizada, associados a imagens e formas sociais estagnadas no passado, sem nenhum interesse e aprofundamento por meio de pesquisas contemporâneas ou registros acerca das memórias negras. (BITTENCOURT JÚNIOR, 2012:17)

Três instituições, apenas, especializadas na temática afro-brasileira de tutela federal, mostram o descaso e desinteresse da União com a preservação da história e a cultura afro-brasileira. (SANTOS, 2012: 277)

Na instância estadual, o mesmo desinteresse se apresenta: dos vinte e seis estados e o Distrito Federal, apenas seis estados possuem esses museus sob sua tutela, vide Tabela 5. O Rio de Janeiro, via sua Universidade Estadual, mantém a Galeria Rio de Janeiro, museu digital universitário, pertencente a Rede de Museus Afro-Digitais. O estado de Pernambuco apresenta um único museu, o Memorial Luiz Gonzaga, em homenagem a esse músico e cantor negro brasileiro. O estado de Sergipe e do Maranhão apresentam museus que preservam as culturas negras, mas que evidenciam a necessidade de uma reflexão mais aprofundada, uma vez que seus acervos apresentam uma grande quantidade de objetos de suplício da escravidão.

Tabela 5 – Museus Afro-Brasileiros – Públicos Estaduais

Instituição	Vínculo
1. Museu Afro-Brasil	SECult /São Paulo
2. Museu Afro-Brasileiro	SECult/Sergipe
3. Cafua das Mercês – Museu do Negro	SECult/Maranhão
4. Memorial Luiz Gonzaga	SECult/Pernambuco
5. Museu Digital da Memória Africana e Afro-brasileira	SECult/ UERJ/RJ
6. Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira MUNCAB	SECult /BA e MinC

Fonte: Santos, 2018.

A Bahia é o outro que mesmo detendo o maior contingente de pessoas negras do país, possui apenas o MUNCAB sob sua responsabilidade e sua criação data do ano de 2002 e ainda está em processo de organização, juntamente com Associação de Amigos do Museu Afro-Brasileiro.

E por fim, São Paulo, que mantém o Museu Afro-Brasil considerado o modelo de museu afro para o Movimento Negro brasileiro por preservar imagens, memória, histórias, práticas culturais e devoções, identidades, pesquisas acadêmicas, produção artística e literária, valorizando a história e a cultura africana e afro-brasileira. Instalado no Pavilhão Manoel de Nóbrega, no Parque do Ibirapuera, ocupa uma área de 11 mil metros quadrados, divididos em áreas expositivas, teatro, biblioteca, anfiteatro, reserva técnica, setores técnicos e administração (MUSEU AFRO-BRASIL, 2022)<sup>15</sup>. Possui mais de seis mil objetos entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos, “peças etnológicas” africanas e afro-brasileiras. Como definia seu idealizador, curador e diretor, o artista plástico Emanuel Araújo<sup>16</sup> (1940-2022), falecido em setembro passado, o Museu Afro-Brasil é um conceito em perspectiva e, portanto,

um museu histórico que fala das origens, mas atento a identificar na ancestralidade a dinâmica de uma cultura que se renova mesmo na exclusão. Um centro de referência da memória negra, que reverencia a tradição que os mais velhos souberam guardar, mas faz reconhecer os heróis anônimos de grandes e pequenos combates, e os negros ilustres na esfera das ciências, letras e artes, no campo erudito ou popular. Um museu que expõe com rigor e poesia ritos e costumes que traduzem outras visões de mundo e da história, festas que evidenciam o encontro e a fusão de culturas luso-afroameríndias para formar a cultura mestiça do Novo Mundo, mas que também registra as inova-

<sup>15</sup> <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/apresentacao>. Acessado em 10 de abril de 2022.

<sup>16</sup> Emanuel Araújo foi o idealizador e curador do Museu Afro-Brasil por 18 anos (2004 a 2022).

ções da cultura negra contemporânea na diáspora. Um museu de arte, passada e presente, que reconhece o valor da recriação popular da tradição, mas reafirma o talento negro erudito, nas artes plásticas e nas artes cênicas, na música como na dança. (ARAÚJO, 2009)<sup>17</sup>

No âmbito municipal foram identificadas nove instituições registradas em sete estados brasileiros, conforme a tabela 6:

Tabela 6 – Museus Afro-Brasileiros – Públicos Municipais

Instituição	Vínculo
1. Casa do Benin	Fundação G. Matos/Salvador/BA
2. Memorial das Baianas de Acarajé	SMCult/Salvador/BA
3. Museu do Escravo	SMCult/Belo Vale – MG
4. Museu Histórico Memorial da Liberdade	SMCult/Redenção /CE
5. Centro de Referência da Cultura Negra	SMCult/Araxá – MG
6. Casa da Cultura Afro-Brasileira Memorial dos Escravizados	SMCult/São Vicente /SP
7. Memorial da Balaçada	SMCult/Caxias/MA
8. Museu Capixaba do Negro - MUCANE	SMCult/Vitória/ES
9. Jackson do Pandeiro	SMCult/Alagoa Grande/PB

Fonte: Santos, 2018.

Dos nove museus, dois, o Museu do Escravo na cidade mineira de Belo Vale e o Museu Histórico Memorial da Liberdade na cidade cearense de Redenção, apresentam como acervo os objetos de suplício da escravização e, portanto repetem o pensamento das elites econômicas e políticas de congelar a história da população negra na escravização, sem passado e sem futuro.

O Museu da Balaçada<sup>18</sup>, na cidade maranhense de Caxias, restringe-se a guardar as armas utilizados na revolta popular que aconteceu, entre 1838 e 1841, em prol do povo, participando sertanejos, quilombolas, indígenas e mestiços. Vale ressaltar, que essa é a única instituição que cita ter no acervo objetos e roupas femininas. O Memorial de Jackson do Pandeiro localizado na cidade paraibana de Alagoa Grande, é mais um exemplo de museu que homenageia um cantor, compositor e multinstrumentalista de origem africana. A cidade mineira de Araxá repete esse apoio em relação ao Centro de Referência da Cultura Negra e retrata personagens importantes para a história e cultura afro-brasileira.

Na Bahia registram-se duas instituições a Casa do Benin, fundada em 1988, e que busca apresentar as relações entre esses dois países desde o período da escravidão, quando, com o nome de Daomé vários africanos foram forçosamente transferidos para o Brasil e especialmente para a cidade de Salvador. A outra instituição é o Memorial da Baianas de Acarajé que foi inaugurado em 2009 como um espaço destinado a preservação da tradição e das memórias das mulheres, especialmente, as negras que comercializam o acarajé uma comida típica da Bahia, que consiste de um bolinho feito com massa de feijão fradinho, frito e recheado com vatapá, caruru, salada, pimenta e camarão seco. Este ofício foi registrado como patrimônio cultural brasileiro, assim como o local do memorial que abriga no seu acervo vestimentas de baianas e os apetrechos ne-

<sup>17</sup> <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/um-conceito-em-perspectiva>

<sup>18</sup> A Balaçada é no nome da revolta que se deu no Maranhão no século XIX (1838-1841) uma luta dos maranhenses contra injustiças praticadas por elites políticas e as desigualdades sociais que assolavam o Maranhão do século XIX. De um lado, grandes proprietários de terra e de escravos, autoridades provinciais e comerciantes; do outro, os balaios (vaqueiros, artesãos, lavradores, escravos, mestiços, mulatos, sertanejos, índios e negros)

cessários para o exercício do ofício (Cantarino, 2005). Único museu ligado a um ofício e a gastronomia afro. Ele é também, um dos espaços privilegiados na preservação das crenças em torno do ofício de baianas e do saber fazer o acarajé. O memorial extrapola, assim, a função meramente de preservação e expositiva, pois associa projetos de apoio ao artesanato, como os fios-de-contas, e com o pano-da-costa, cursos de bordados e valorização da identidade afrobaiana.

Na cidade de Vitória/ES, o Museu Capixaba do Negro “Veronica da Pas” foi criado pelo governo estadual em 1995 e, seu nome é uma homenagem a sua primeira diretora<sup>19</sup> que concebeu e estruturou este museu que durante quase dezoito anos foi um museu comunitário gerido pelo Movimento Negro Capixaba. Sua municipalização deu-se em 2012 e, desde então a garantia da participação popular tem se dado no Conselho Consultivo. Outra ação foi homenagear a primeira coordenadora do museu, incorporando o seu nome ao nome do museu. O seu acervo ainda está em construção.

De natureza particular, os museus afro-brasileiros têm como tutelas as mais diferentes pessoas físicas, famílias e diversas organizações e entidades que vão das várias vertentes religiosas, culturais, de ofícios, clubes, de união de moradores etc. Dentro da definição deste artigo, elas totalizam vinte e nove instituições.

A tabela 7 apresenta os onze museus tutelados por terreiros e entidades religiosas de matrizes africanas.

Tabela 7 – Museus Afro-Brasileiros – Religiões de Matrizes africanas

Instituição	Localidade/Unidade da Federação
1. Museu Afro Cultural Oya' Ni	Alagoinhas/BA
2. Museu Comunitário Mãe Mirinha do Portão	Lauro de Freitas/BA
3. Museu Ilê Axé Opô Afonjá	Salvador/BA
4. Memorial Mãe Menininha do Gantois	Salvador/BA
5. Museu Afro Omon Ajagunan	Lauro de Freitas/BA
6. Memorial Lajoumin – Terreio Pilão de Prata	Salvador/BA
7. Memorial Kisimbê - Águas do Saber	Salvador/BA
8. Memorial Unzo Tombenci Neto	Ilhéus/BA
9. Instituto de Pesquisas Afro Cultural Odé Gbomi	Nova Iguaçu/RJ
10. Instituto Cultural Baba Toloji	Campinas/SP
11. Òsun Ìya Oke Ilê Afro-Brasileiro Ode Lorecy	Embu/SP

Fonte: Santos, 2018.

Esses museus afro-religiosos são construídos pela comunidade religiosa com o intuito de preservar a história da entidade e/ou das Mães/Pais de Santos ou lalorixás ou Babalorixás. No entanto, cabem mais estudos para classificar todas essas instituições como representação das vertentes museológicas social ou comunitária. Mas existindo a partir dos processos da memória, esses terreiros são espaços naturais de preservação da história e cultura afro-brasileira e quase todas, pertencentes ao Movimento Negro, tem como principal missão o processo educacional.

Na tabela 8, estão relacionados os três museus afro-brasileiros de tutela da igreja católica:

19 Maria Veronica da Pas (1948-1996) participou da luta pela criação do museu desde o ano de 1988 e, posteriormente foi sua primeira diretora no período de 1993 a 1996. (SANTOS, 2021)



Tabela 8 – Museus Afro-Brasileiros – Igreja católica

Instituição	Localidade/UF
1. Memorial Afro-Valenciano Padre João José da Rocha	Valença/RJ
2. Museu do Negro	Rio de Janeiro/RJ
Memorial da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte	Cachoeira/BA

Fonte: Santos, 2018.

As três instituições têm historicidade diferenciadas, mas são museus tradicionais, elaborados a partir de seus objetos, a grande maioria objetos de tortura dos escravizados, mas que tem razão de ali estar por conta das atividades realizadas pelas irmandades religiosas negras de apoio à existência dos escravizados africanos. O Museu do Negro do Rio de Janeiro representa bem essa questão. O Memorial da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da cidade de Cachoeira é outro exemplo, formada por mulheres negras que, impedidas de pertencerem a outras associações, criaram as suas, com capelas, memoriais, encontros e festividades.

O Museu Afro Valenciano, organizado pelo Padre João José da Rocha, pertencente aos Agentes da Pastoral Negra que dentro da Igreja Católica são os braços da fé, que tem como elemento fundante o processo de superação do racismo e todas as desigualdades.

Os museus mantidos por organizações culturais são os museus relacionados na Tabela 9:

Tabela 9 – Museus Afro-Brasileiros – Organizações culturais

Instituição	Organização cultural
1. Museu do Negro de Campinas	Movimento negro campineiro
2. Museu Treze de Maio	Clube Treze de Maio/ Sta. Maria/RS
3. Museu de Artes Afro-Brasil Rolando Toro	Sistema Biodança/ Recife/PE

Fonte: Santos, 2018.

O Museu Negro de Campinas<sup>20</sup> apresenta poucas informações no Guia e no Cadastro de Museus e as informações nas plataformas de buscas estão desatualizadas<sup>21</sup>. Mas sua tutela tem sido descrita como o Movimento Negro Campineiro. A casa onde está instalado o museu é tombada pelo município. Há necessidade de mais investigações pois, não há informações sobre o seu acervo e seu funcionamento.

Quanto ao Museu de Artes Afro-Brasil Rolando Toro funciona como Centro Cultural na cidade do Recife e o museu foi idealizado para preservar a coleção de esculturas africanas do antropólogo e psicólogo chileno Roberto Toro Araneda.

O Museu Treze de Maio é um museu comunitário afro-brasileiro, organizado como uma instituição jurídica de direito privado e sem fins lucrativos constituído de associados, pessoas jurídicas e físicas, e tem como um dos objetivos preservar a memória da Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio e de seus primeiros fundadores e implementar ações museológicas relacionadas à Cultura Africana e Afro-Brasileira. Este é o único museu afro-brasileiro na região sul do país, mas infelizmente está fechado desde o ano de 2017.

20 <https://campinasafro.org.br/2021/11/09/museu-do-negro/> Acesso em 30 de julho de 2022.

21 <http://promemoriadomuseudonegrodecampinassp.blogspot.com/> Acesso em 30 de julho de 2022

A tabela 10 apresenta os museus comunitários construídos por pessoas e coletivos que moram nas favelas contemporâneas que concentram a população negra, pobre e periférica, que se reconhece como agentes sociais e construtores da história e com direito à memória.

Tabela 10 – Museus Afro-Brasileiros – Organizações de moradores

Instituição	Localidade/Unidade da Federação
1. Museu dos Quilombos e Favelas – MUQUIFU	Belo Horizonte/MG
2. Museu de Favelas – MUF	Rio de Janeiro/RJ
3. Museu da Maré	Rio de Janeiro/RJ

Fonte: Santos, 2018.

Possuem especificidades, como o MUQUIFU, ligado à igreja católica e a comunidade do bairro e, cuja “vocação   garantir o reconhecimento e a salvaguarda das favelas, os verdadeiros quilombos urbanos do Brasil: lugares não apenas de sofrimento e de priva oes, mas, também, de memória coletiva digna de ser cuidada” (MUQUIFU, 2014)<sup>22</sup>.

O Museu de Favelas (MUF)   identificado como um museu de território elaborado pela Associa ao de Moradores das Favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo e que utiliza a concep ao arquitet nica do local para preservar a memória e o patrimônio cultural de favela do mundo, “com inten ao educativa, libertária pela expansão da consciência e pela chance de inclusão produtiva, em especial entre adolescentes sujeitos a caminhos de vulnerabilidade social”<sup>23</sup> (MUF, 2022)

O Museu da Maré se apresenta como museu comunitário, localizado na comunidade do mesmo nome e tem como responsável o Centro de A oes Solidárias da Maré (CEASM), que atua há 16 anos com um acervo composto por doa oes feitas por moradores, assim como as demais atividades.

O trabalho realizado visa   supera ao dos estigmas em rela ao às favelas, além de colaborar com o processo de alargamento da perspectiva do papel dos museus na realidade contemporânea. O museu não   um lugar para guardar objetos ou cultuar o passado. Ele   lugar de vida, conflitos e diálogo; um lugar de imersão no passado e de olhar para o futuro, a partir das referências atuais das comunidades, das suas condi oes e identidades, de sua diversidade cultural e territorial.<sup>24</sup> (CEASM, 2020)

Na tabela 11, são apresentados os museus tutelados por associa oes e grupos musicais, como a Casa do Samba de Roda, na cidade de Cachoeira que   representativa por ali promover as rodas de samba do recôncavo da Bahia, hoje Patrimônio Imaterial do Brasil e, guardar as memórias sobre a popula ao negra. O Museu do Gonzagão   um mausoléu do músico e cantor negro que guarda seus objetos pessoais e instrumentos, principalmente os ligados a sua cidade natal pernambucana, Exu. O Centro Cultural Cartola preserva objetos, imagens e sons do músico negro, como os instrumentos e memórias ligadas ao samba do Rio de Janeiro.

22 Ver [www.muquifu.com.br](http://www.muquifu.com.br) Acesso em janeiro de 2014.

23 Museu de Favela - MUF | Museu de Favela - MUF Acesso em 5 de agosto de 2022

24 Museu da Maré | CEASM Acesso em 10 de agosto de 2022

Tabela 11 – Museus Afro-Brasileiros - música

Instituição	Associações	Localidade/Unidade da Federação
1. Casa do Samba de Roda de Dona Dalva - Associação de Sambadores e Sambadeiras da Bahia	ASSBA	Salvador/BA
2. Museu do Gonzagão	ONG	Exu/PE
3. Centro Cultural Cartola	ONG	Rio de Janeiro/RJ

Fonte: Santos, 2018.

Na tabela 12, as quatro instituições pertencem a pessoas físicas, estando localizadas em propriedades particulares. Com exceção do Museu Escravo Jacó, que não é um museu afro, o seu nome é uma “homenagem” do fundador de Luiz Gomes, fundador da cidade ao seu escravo pessoal, os outros três museus estão instalados nas antigas senzalas das propriedades e, seus acervos são formados com os objetos de suplício ao trabalho escravizado. O Museu do Escravo da cidade de Barra do Pirai é uma aberração, como mencionado anteriormente, pois oferece aos seus visitantes a “oportunidade” de se vestir com as roupas de época e vivenciar as relações senhor/a e escravos/as um dia na propriedade.

Tabela 12 – Museus Afro-Brasileiros – particulares

Instituição	Localidade/Unidade da Federação
1. Museu Senzala Negro Liberto	Redenção/CE
2. Museu da Cultura Africana e Negritude	Amparo/SP
3. Museu do Escravo	Barra do Pirai/RJ
4. Museu Escravo Jacó	Luís Gomes/RN

Fonte: Santos, 2018.

E por fim, é importante ressaltar que a invisibilidade da história e cultura afro-brasileira nos museus, é ainda mais perversa com a parcela feminina negra, pois como relata Grada Kilomba, “o uso do masculino genérico para designar a humanidade reduz automaticamente a existência das mulheres à não existência” (2019, p.108), e, seguindo a mesma lógica o uso do masculino negro designa as pessoas de origem africana e declara a nadificação das mulheres negras, que são representadas em um grupo genérico.

A invisibilidade das mulheres negras é resultado da opção androcêntrica da história, da desumanização racista e do machismo que nega “os passos que vem de longe” suas memórias e experiências plasmadas na vida doméstica, onde as artes da sobrevivência se mesclam com as formas de sustentar e orientar o corpo e o espírito. Onde se dão as experiências, os modos de viver, dançar, cantar, brincar, procriar, comer, educar, criar e recriar a cura de doenças e os maus tratos, consequências da escravização. Neste sentido são exceções museus com denominação feminina negra e, mesmo assim, foram identificadas sete experimentações como demonstra a tabela 13.

Tabela 13 – Museus Afro-Brasileiros – denominação feminina

Instituição	Localidade/Unidade da Federação
1. Museu Afro Cultural Oyá Ní	Alagoinhas/BA
2. Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão	Lauro de Freitas/BA
3. Memorial Mãe Menininha do Gantois	Salvador/BA

4. Memorial da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte	Cachoeira/BA
5. Memorial das Baianas Vendedoras de Acarajé e Mingau	Salvador/BA
6. Casa do Samba de Roda de Dona Dalva - Associação de Sambadores e Sambadeiras da Bahia	Cachoeira/BA
7. Museu Capixaba do Negro - "Verônica da Pas"	Vitória/ES

Fonte: Santos, 2018.

Com exceção do Museu Capixaba do Negro, todas as experimentações localizam-se no Estado da Bahia, sendo quatro experimentações ligada a religiosidade (de matriz africana e outra cristã), uma ao ofício feminino de baiana, uma a música e dança. Os acervos, portanto, fazem referência ao gênero, seja o modo das mulheres professarem a fé, exercerem um ofício, que reconhecidamente feminino como baianas vendedoras de acarajé e, o envolvimento com as artes musicais. O Museu Capixaba do Negro incorpora o nome de Maria Verônica da Pas, mulher negra, médica psiquiatra e militante antirracista e sua primeira diretora, quando se torna uma instituição municipal e inicia um novo ciclo.

### Por fim,

A maioria dos museus brasileiros se caracteriza pela invisibilidade e o silenciamento das imagens, narrativas, modos de ser, saber, fazer e existir da população negra. Quando essas instituições optam em dar visibilidade as pessoas negras, as retratam congeladas, na maioria das vezes, na condição de escravizados(as). Antônio Sérgio Guimarães reforça essa questão ao dizer que a representação dos negros(as) tem sido construída, desde sempre, pela mente, palavras e imagens de brancos que detentores do poder político e econômico construíram uma história "para" os negros, que os congela em passivos escravizados e transforma os objetos do suplício da escravização em testemunhos de sua história. (GUIMARÃES, 2012: 55).

O levantamento dos museus afro-brasileiros no cenário museológico revelou cinquenta e uma instituições caracterizadas por uma diversidade de tutelas, narrativas historiográficas e vertentes museológicas, existentes de forma rizomática, sem uma classificação ou definição, mas unidas pela preservação da história e a cultura afro-brasileira.

Essas instituições trazem outra característica que ligada às tutelas perpetua a dicotomia de instituições museológicas afro-brasileiras criadas "para" os negros e as criadas "pelos" negros. A primeira voltada para os negros, ancora na retórica da modernidade, no eurocentrismo, no colonialismo e no racismo e apresenta narrativas historiográficas de manutenção dos negros como escravizados, congelados na condição de cativos e com os objetos de suplícios e castigo como testemunhos de sua história. Sem passado, antes da escravização e futuro pós-abolição, sua existência mescla-se no mito da democracia racial e na inexistência de identidades raciais no Brasil. A segunda, feita pelos negros, apresenta como opção historiográfica e vertente museológica novas fontes, personagens, inflexões, conceitos e práticas que reconhecem o direito à memória dos povos historicamente discriminados e, a entrada em cena de agentes sociais pertencentes ao movimento negro - intelectuais, trabalhadores, políticos, religiosos e artistas que produzem conhecimento, e as instituições preservacionistas de suas memórias, histórias, experiências, saberes e fazeres, adquirem a função social de valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, ser sobre os negros, elaborados por negros/as e ferramentas políticas, pedagógicas e poéticas para os negros.

Não se pode generalizar as instituições afro-brasileiras, pois como todos os processos museológicos as questões ligadas a (i) preservação; (ii) a lembrança e o esquecimento; (iii) e o produtor do discurso cumprem um papel no combate as injustiças e as desigualdades raciais e de gênero.

## Referências

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996.

ABREU, Regina. Museus no contemporâneo: entre o espetáculo e o fórum. In: OLIVEIRA, Ana Paula de P. L. de & OLIVEIRA, Luciane M.(orgs). *Sendas da Museologia*. Ouro Preto/MG;UFOP,2012 p.11- 26 154p.

BITTENCOURT JUNIOR, I. In: MATTOS, J.R. (org). *Museus e africanidades*. Porto Alegre,RS: Edições Museu Julio de Castilhos, 2013

BRASIL. Lei 10.639 de 03 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. 2003.

BRASIL. Parecer CNE/CP 003/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. 2004.

BRASIL. Lei 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. 2008.

BRITTO, Clovis C. “*Nossa maçã é que come a Eva*”: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. Tese apresentada no Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia para a obtenção do título de Doutor, orientado por Mário Moutinho, Lisboa. 2019

BRITTO, Clovis C. O silêncio dos atabaques? Arte pública de matriz africana e memória topográfica em perspectiva. 9 (2), 167-170. *Revista Mosaico*, 2016.

BRITTO, B.R.P. Sociedade: mulher, negra e pobre: a tripla discriminação. *Teoria e Debate*, n. 36, 1997

BULHÕES, Girlene Chagas. *Museus para o esquecimento: esquecimento, seletividade e memórias silenciadas nas performances museais*. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais), Universidade Federal do Goiás, Goiânia, 2017.

Cadastro Nacional de Museus <http://museus.cultura.gov.br/>

Cantarino, Carolina. Baianas do acarajé: uma história de resistência. Patrimônio,

*Revista Eletrônica do Iphan*, Campinas, SP, 20 set. 2005.

CANTO, Vanessa S.dos. *O Devir Mulher Negra: Subjetividade e Resistência em Tempos de Crise do Capitalismo*. Tese de Doutorado. PUC/Rio - 2010  
[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=15052@1](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=15052@1)

CARDOSO, Claudia Pons. *Outras Falas: Feminismo na Perspectiva de Mulheres Negras Brasileiras*. Tese de Doutorado. PPGEIMGF/NEIM/FFCH/UFBA. Salvador/BA. 2012 <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, dez. 2003.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *Anais do Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero*. Durban, ago. 2001.

CHAGAS, M. & GOUVEIA, I. Museologia Social: Reflexões e práticas (a guisa de apresentação). In: *Cadernos CEOM*. Chapecó/SC, Ano 27, vol.41, p 8-14. 2014  
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2592/1523>

COLLINS, Patricia Hill - Aprendendo com a outsider within\*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1* Janeiro/Abril 2016 p.99-127

COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York/London: Routledge, 2000.

CORREA, Alexandre F.A Coleção Museu de Magia Negra do Rio de Janeiro: O Primeiro Patrimônio Etnográfico do Brasil. In: *MNEME – Revista de Humanidades - Publicação do Departamento de História e Geografia da UFRN Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó*. V. 07. N. 18, out./nov. de 2005 – Semestral em [www.cerescaico.ufrn.br/mneme](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme)

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

CRESWELL, J.W. *Projeto de pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010

CUNHA, Marcelo N.B.da. Comunicação e Representação: as minorias étnicas e sociais em museus. In: OLIVEIRA, Ana Paula de P. L. de & OLIVEIRA, Luciane M.(orgs). *Sendas da Museologia*. Ouro Preto/MG;UFOP, 2012 p.27-39.



CUNHA, Marcelo N. B. DA. *Teatro de memórias, palco de esquecimentos: Culturas africanas e das diásporas negras em exposições*. Tese. Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia*. 2. Ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

ESCOBAR, Giane.V. “*Para encher os olhos*”: Identidades e Representações Culturais das Rainhas e Princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal A Razão (1960-1980). Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2017.

ESCOBAR, Giane V. Os dispositivos comunicacionais do Museu Comunitário Treze de Maio de Santa Maria: movimento negro em movimento da praça pública à internet. *Anais da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia – X Alcar 2015* file:///C:/Users/Professor/Downloads/GTMIDAL\_ESCOBAR-%20Giane.pdf [www.ufrgs.br/alcar2015](http://www.ufrgs.br/alcar2015)

ESCOBAR, Giane V. *Clubes Sociais Negros: Lugares de Memória, de Resistência Negra, Patrimônio e Potencial*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2010.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala; formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1980.

GOMES, Nilma. L. O Movimento Negro e Educação: Ressignificando e Politizando a Raça. 33 (120), p. 727-744. *Educação e Sociedade*, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Iphan/Demu, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996.

GONÇALVES, P.B. Africanidades Brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. In: *Revista do Professor*. Porto Alegre/RS, ano 19, vol.23, p 26-30, jan/mar., 2003.

Guia dos Museus Brasileiros/ 2011

<http://www.museus.gov.br/guia-dos-museus-brasileiros/>

GUIMARÃES, A.S.A *Classes, Raças e Democracias*. São Paulo. Editora 34. 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a História dos Museus. In: *Caderno de Diretrizes Museológica I*, Brasília: MInC/Iphan/ Demu. Belo Horizonte: SEC/Superintendência de Museus. 2006.2ª. edição. p 13-32.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, Cobogó. 2019

LEITE, Pedro P. *Casa Muss-amb-ike: O Compromisso no processo museológico*, Tese de Doutorado em Museologia, Lisboa, ULHT, 2011. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/4653>

LODY, R. *Negro no Museu Brasileiro: Construindo Identidades*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

MENEZES, Ulpiano T. B. DE. A exposição museológica: reflexões sobre pontos críticos na prática contemporânea. *Ciência em Museus*, n. 4, p. 103–127, 1992.

MIGNOLO, Walter. (2018). Museus no horizonte colonial da modernidade. Garimpando O Museu (1992) de Fred Wilson. 7(8). *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*. Acessado em <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17751/16263>

MIGNOLO, Walter D. (2008). Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o Significado de Identidade em Política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n° 34, p. 287-324.

MOUTINHO, Mario C.. *Definição evolutiva de Sociomuseologia*. Lisboa/Setúbal: Atelier Internacional do MINOM, 2007.

MUNANGA, Kabenguele; GOMES, N. L. *O Negro no Brasil de Hoje*. São Paulo: Global, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*, 2ª Ed. ( Brasília/Rio: Fundação Cultural Palmares/ OR Editor, 2002, p. 146-149.  
Disponível em: [http://www.abdias.com.br/museu\\_arte\\_negra/abdias\\_man.htm](http://www.abdias.com.br/museu_arte_negra/abdias_man.htm)

PAIVA, Andréa Lúcia da Silva de. *Os Fios do Trançado: um estudo antropológico sobre as práticas e as representações religiosas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos no Rio de Janeiro*. Tese. PPGSA/IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

PINTO, Ana F. M. *Imprensa Negra no Brasil do século XIX*. São Paulo, Editora Selo Negro, 2010.

PINTO, Ana F. M. & FREITAS, Felipe da Silva. Luiza Bairros, Uma “Bem Lembrada” Entre nós 1953-2016. *Revista Afro-Ásia*, 55 (2016), p. 215-276.  
Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/24316>

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

PRIMO, Judite. O social como objecto da Museologia. In: *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa/Portugal, ano 3, vol47, p5-28, 2014.  
Disponível em: [https://www.academia.edu/7481049/O\\_Social\\_como\\_objeto\\_da\\_museologia](https://www.academia.edu/7481049/O_Social_como_objeto_da_museologia)

Apontamentos sobre narrativas nos Museus Afro-Brasileiros

REIS, José J. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º 3, 1996, p. 7-33.

SANTOS, Deborah S. *Museologia e Africanidades: Experiências museológicas de mulheres negras em museus afro-brasileiros*. Tese. Museologia. Lisboa, ULHT, 2021.

Disponível em: <https://recil.ensinulusofona.pt/bitstream/10437/11990/1/tese%20final%20com%20j%C3%BAri%20Deborah%20Santos.pdf>

SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos. *História de Um Terreiro Nagô*. Editora Max Limonad. 1988.

SANTOS, Maria C. T. M. Reflexões sobre a Nova Museologia. In: SANTOS, M. C. T. M. (Ed.). *Encontros Museológicos - reflexões sobre a Museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008b. p. 69–98

SANTOS, Myriam. S. dos. Entre o tronco e os Atabaques: a representação do negro nos Museus Brasileiros. In: *Colóquio Internacional Projeto UNESCO no Brasil: 50 anos depois*. Salvador, jan. 2004.

SCHWARCZ, Lilian M. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M. A “Era dos Museus de Etnografia” no Brasil: O Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Org.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*, p. 113-136. Belo Horizonte- Brasília, Argumentum CNPq 2005

SILVA, Nelson F. I. *Museu Afro-Brasil no Contexto da Diáspora: Dimensões contra-hegemônicas das Artes e Culturas Negras*. Tese. VIS/UnB. 2012.

Disponível em: <http://repositorio.unb.br/simple-search?query=nelson+fernando+inocencio+da+silva&submit=lr>

Recebido em agosto de 2022.

Aprovado em novembro de 2022.